

MUNDO GRÁFICO

el Mair



A
Primavera
e a
Paz
chegaram
à
Europa

PREÇO
1\$50

O TEATRO EM LONDRES

A fundação de um Teatro Nacional, em Londres, tem sido assunto de muitas discussões e em Inglaterra, nos últimos dez anos. O assunto continuou a ser tratado com intensidade durante a guerra; mas, enquanto os protagonistas trocavam entre si os seus argumentos, foi gradualmente nascendo, não o Teatro Nacional, mas qualquer coisa que quasi se lhe iguala. É um compromisso entre um teatro sustentado pelo Estado e outro dependente de iniciativa particular. Referimo-nos às novas companhias de repertório semi-permanente, de que fazem parte alguns dos melhores actores e atrizes do país, trabalhando garantidos, financeiramente, pelo Conselho de Apoio à Música e às Artes.

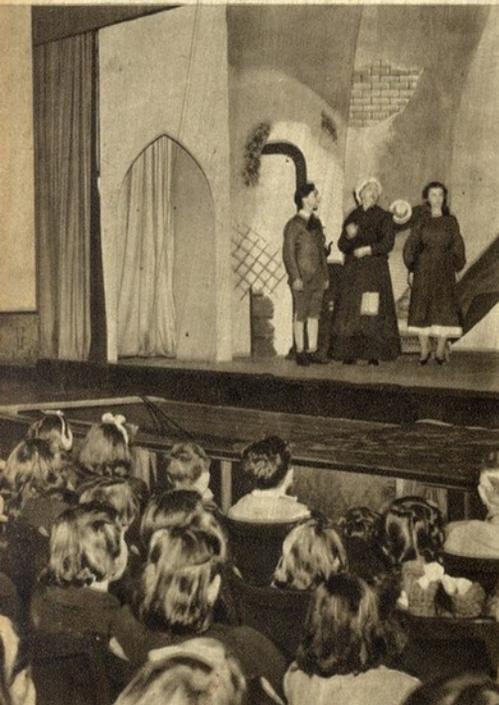
A mais interessante e a que mais se aproxima da Instituição nacional é a nova companhia «Old Vic», cujas principais figuras são Lawrence Olivier, Ralph Richardson, Nicholas Hannen, Dame Sybil Thorndike e Joyce Redman. Principiaram no Teatro Nacional, com três peças no repertório. Um clássico da literatura dramática inglesa, «Ricardo III», de Shakespeare, um clássico moderno, «Arms and the Man» de Bernard Shaw, e um clássico estrangeiro, «Peer Gynt», de Ibsen. Para mais tarde, prometem acrescentar algumas interessantes peças.

«Ricardo III» foi a mais arriscada das produções, pois não é uma das mais populares de Shakespeare, e tem sérias dificuldades de apresentação a um público moderno. No entanto, teve um êxito notável e em toda a parte obteve uma en-

(Continua na página 20)



O grande actor inglês Ralph Richardson na sua admirável criação do «Peer Gynt», o velho, de Ibsen



Em Inglaterra, o teatro infantil atingiu notável desenvolvimento. Eis uma cena de uma peça representada para os pequeninos refugiados



A magnífica interpretação de «Richard III», de Shakespeare, pela Old Vic. Nos principais papéis, vemos Lawrence Olivier, no protagonista, e Joyce Redman

REFLEXOS DO MUNDO



O príncipe Bernardo, quando chegou à Holanda, depois da libertação, fala a uma mulher ferida durante a luta

Ainda o guarda-chuva...

Um norueguês, recém-chegado a Londres, contou o seguinte episódio, ocorrido na capital do seu país.

Um amigo seu, que tinha o hábito de trazer sempre consigo um guarda-chuva, entrou há dias num café da cidade de Oslo. Ao vê-lo, alguns nazis, que se encontravam ali, exclamaram em ar de troça: «Chamberlain!»

Então, o norueguês, imperturbável, subiu para cima da mesa mais próxima, abriu o guarda-chuva e, saltando para o chão, gritou:

«Hess!»

(Evening Standard, Londres)

Quem é?...

Harry Warner, presidente da «Warner Brothers», jantava, há dias, na sala dos pavões do Hotel Mark Hopkins, em S Francisco. Súbitamente, avistou uma rapariga extremamente bela e convenceu-se de que ela oferecia magníficas possibilidades fotográficas, chamou o criado e perguntou:

— Quem é aquela rapariga?

Tenho a certeza que pode ser-nos útil.

— Aquela rapariga — respondeu o criado — é Shirley Temple.

(De New Zealand Free Sance)

Coincidência

Conta um correspondente que, recentemente no parque-automóvel de Church Street, pôde contar seis automóveis, todos com o mesmo número, mas evidentemente com diferentes letras de registo.

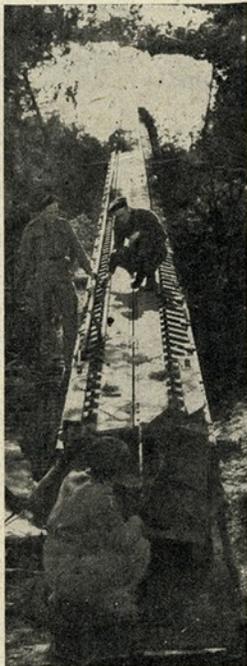
Como gostaria de saber a causa de semelhante coincidência pede aos matemáticos um pouco da sua ajuda.

(De Liverpool Daily Post)

A «V-5»

Dois hávaros, que se renderam às tropas inglesas, contaram aos seus captores como eles próprios haviam concebido uma nova «arma secreta».

Achavam-se abrigados numa trincheira quando um bombar-



Técnicos ingleses examinam uma careira de lançamento de bombas voadoras



deiro da R. A. F. lançou nas proximidades uma bomba de mil quilos. Após a explosão, um deles disse para o outro:

— Perante isto, a única resposta é um «V-5».

— O que é «V-5» — perguntou o segundo, um tanto confuso.

— Uma «V-5» é um mastro muito, muito alto, com uma grande bandeira branca — foi a resposta.

(De B B C War Report)

Surpresa...

Parece que só houve duas ocasiões na história em que os ingleses foram proibidos de se aproximar das suas janelas. A primeira quando Lady Godiva percorreu a cavalo as ruas de Coventry completamente nus.

A segunda, muito mais recente, teve lugar alguns dias antes do dia «D», quando se ordenou aos habitantes de uma cidade costeira, que não viessem às janelas e que as mantivessem tapadas por um pano espesso.

Apesar da proibição, houve um inglês que não resistiu à tentação de espreitar pela fresta. Porém, o que ele viu não foi Lady Godiva mas o próprio General Eisenhower, passando no seu automóvel.

(De: Children's Newspaper)

De Gaulle, que encarnou a resistência da França, passando revista, em Londres, aos primeiros cadetes das Forças Livres do seu País

NÚMERO ESPECIAL

DO

MUNDO GRÁFICO

Comemorando o final da guerra na Europa, o MUNDO GRÁFICO publicará uma edição extraordinária de tiragem limitada, com mais de cem páginas, algumas delas a cores, apresentando, assim, homenagem ao esforço das Nações Unidas.

Esse número, que constituirá um largo documentário das diversas fases do conflito, com os seus lances históricos culminantes, será, sob todos os aspectos, um verdadeiro monumento editorial, motivo por que somos obrigados a abrir uma assinatura especial ao preço de 10\$00 por exemplar, custo inferior ao seu valor intrínseco, duplamente histórico e artístico.

Este número não pertence à colecção dos nossos presados assinantes, devendo, os que o desejarem, fazer a sua inscrição.

Faça, imediatamente, o seu pedido, acompanhado da respectiva importância para

MUNDO GRÁFICO, L.^{DA}

Rua das Gáveas, 6, 2.º | LISBOA



...aqui

AMÉRICA



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ONDAS	ONDAS	ONDAS	ONDAS
20.30	16,7	19,5	19,7	25,3
22.45		19,5		25,3
23.00		19,5	25,3	30,9

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por intermédio da B. B. C., todos os dias, das 19,45 às 20

Emissões diárias

OIÇA A VOZ da
AMÉRICA em MARCHA

UMA FÁBULA

MEDICAMENTOS



DEVE-SE à indústria química o facto de actualmente os doentes poderem tomar a maior parte dos medicamentos em comprimidos ou cápsulas.

De há muito que Homem sabia que o remédio para muitos dos seus males se encontrava nas raízes, cascas, fôlhas e bagas das árvores e plantas mas só recentemente a indústria química conseguiu extrair drogas puras, como o quinino, a estriçnina, a morfina, a cocaína e a atropina, das velhas fontes vegetais e produzi-las sinteticamente por meios químicos.

Os investigadores químicos britânicos estão agora empenhados em desenvolver o vasto campo da química orgânica para obter produtos novos e até aqui inteiramente desconhecidos, não só para prevenção como também para alívio e curas das doenças.



A química ao serviço do homem

IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES, LTD.
INGLATERRA-LONDRES



Os povos da Asia defendem-se do invasor

NUM recanto longínquo do grande mar, o monstro amarelo vivia, refastelado e feliz. Era horrendo, pantafaçado e horrendo! Nas suas entranhas incandescentes ardiam sempre, num feroz holocausto, vítimas humanas de que não distinguia a condição, nem a raça, as quais durante muito tempo, o alimentaram num repasto cruel e sanguinolento. A sua sombra espessa e disforme crescia sempre nas águas azuladas e tranqüilas do grande mar oceano. De súbito, ventripotente, máscara lívida, olhos oblíquos de onde filtrava uma luz dúbia de ódio e malignidade, as fauces hiantes e denteadas de colmilhos brutescos — o monstro levantou-se, num grande rumor de águas, coberto de sargaços e de bichos e, com as mão vulpinas, assaltou uma daquelas ilhas frágeis e encantadas de nacar ou de coral, de malaquite ou de madre-pérola, que bem se podiam considerar os últimos vestígios do paraíso na terra.

A galeria do sol, a taça do rei de Tule, o arquipélago das flores, as grutas encantadas de lapislazuli, tudo isso, o monstro amarelo destruiu, semeando o pânico e a morte, o massacre e o incêndio, no grande mar oceano!

E só ele ficou convicto de que a imensidade aquática, o preservava para todo o sempre do castigo dos deuses e da justa vingança das almas, sem corpo, que andavam à deriva nas vagas, entre destroços de naufrágios, ou se tinham refugiado nos tabernáculos das montanhas, acendendo uma luz perene de lembrança!

Extasiado, o monstro gozou o seu fácil e incalculável triunfo! Tudo era d'ele, a tóda a largura do horizonte, quasi sem batalhas, de ilha para ilha, como se bastasse, apenas, estender as mãos disformes de sombra, levando à bôca tenebrosa aqueles frutos dourados e apetitosos da Natureza.

Mas um dia tudo mudou! Os louros filhos do sol
ARTUR PORTELA

(Continua na página 30)



LORD CRANBORNE

A personalidade de Lord Cranborne vem-se afirmando cada vez mais vigorosamente no cenário da política britânica. A sua discreção e a sua modestia proverbiais não impedem que ele exerça uma influência justificada e compreensível na marcha dos negócios públicos da Grã-Bretanha. As suas intervenções parlamentares, animadas invariavelmente por um espírito lúcido e observador, grangearam-lhe há muito uma excelente reputação.

A ausência total de espírito de partido que caracteriza toda a sua actividade política conquistou para a sua personalidade vigorosa, a admiração e o respeito unânimes de amigos e de adversários. De Lord Cranborne bem pode dizer-se que ele constitui uma realidade e, ao mesmo tempo, uma das melhores esperanças da política inglesa.

Herdeiro de um grande nome e, mais do que isso, herdeiro de uma tradição de famílias magníficas, a tradição de uma dinastia de altos valores espirituais que consumiram a sua existência no combate pela liberdade e pelas causas da cooperação internacional, Lord Cranborne continua magnificamente a herança que recolheu e deseja perpetuar. Em todas as missões que lhe têm confiadas, ele tem sabido afirmar um tacto e, simultaneamente, uma energia serena e reflectida que conquistaram para o seu esforço a fama merecida de um dos mais e compreensivos negociadores do vosso tempo. Colaborador e grande amigo de Anthony Eden tudo isso indica que a sua carreira se traduza nos tempos mais próximos pela afirmação cada vez mais decisiva das suas reais qualidades de homem de Estado.

CRÓNICA INTERNACIONAL

RENDIÇÃO INCONDICIONAL

“NÃO foi apenas uma extensa área de território de importância vital que caiu nas nossas mãos. Foi também a maior rendição de efectivos que se registou em todo o curso da guerra. Estes resultados devem contribuir para um auxiliar em acontecimentos próximos que esperamos”. Foi assim que o sr. Churchill anunciou na Câmara dos Comuns o colapso das forças alemãs que guarneciam a frente italiana. Essa frente desempenhara, no conjunto da estratégia aliada, um papel de primeiro plano: É natural, portanto, que o seu desaparecimento, sobretudo nas condições em que se realizou, fosse calorosamente saudado na Grã-Bretanha. O sr. Churchill referiu, com pormenores curiosos, a qualidade e a natureza das forças que, tanto do lado dos aliados como do lado dos alemães, combateram em Itália. Eram forças da «elite» que, ao longo de vinte meses, travaram os mais duros combates. A batalha da retardamento conduzida pela Wehrmacht na península italiana foi das mais duras de toda a guerra. O marechal alemão Kesselring estava encarregado de fixar o núcleo principal das forças anglo-americanas na Europa, impedindo o desembarque no ocidente e o auxílio aos russos. Nenhum desses objectivos foi alcançado. O comando aliado, por sua vez, tinha por motivo fixar num teatro excêntrico de operações o maior número possível de divisões alemãs a fim de evitar que elles fossem reforçar outros sectores vitais da guerra (Normandia e frente leste). Este objectivo foi plenamente alcançado pelo marechal Alexander.

Não há qualquer exagero na afirmação de que a vitória aliada em Itália, qualquer que fosse a natureza e a composição dos efectivos que a realizaram, foi uma vitória de estratégia britânica. A concepção da manobra que, conduzida superiormente desde o primeiro desembarque na Calábria (3 de Setembro de 1943) até ao colapso da frente alemã (3 de Maio de 1945) levou à libertação da Itália, foi um produto da aptidão profissional do marechal Alexander que teve, durante a primeira fase da sua realização, a colaboração activa do marechal Montgomery. A diversidade de raças que colaboraram na execução do plano aliado não teve qualquer influência prejudicial. Pelo contrário a cooperação entre alemães e italianos, proclamada durante tanto tempo como uma realidade inegável, mostrou-se precária desde o início da luta em Itália.

Rememorar as diversas fases da campanha italiana é recordar algumas fases capitais da história desta guerra, os desembarques e a realização das testas de ponte de Salerno e Anzio, que tantas vidas custaram e tantos sacrificios exigiram, a ofensiva de Maio e Junho de 1944, que assinalou o começo de realização de estratégia concertada na Conferência de Teherão, a ocupação de Roma e das principais cidades do país, a dura campanha dos Apêninios e finalmente a libertação do Norte de Itália e da totalidade do território italiano. Esta sucessão de acontecimentos militares foi acompanhada por uma colaboração rápida dos acontecimentos políticos. O regime fascista caiu. A Itália abandonou o Eixo para enfileirar ao lado dos Aliados.

O comando britânico realizou todos os objectivos no presente e criar condições para firmar o prestígio militar e político das armas ocidentais em zonas que, são vitais para a recomposição da Europa.

O OBSERVADOR

O caos alemão

O espectáculo que nos ofereceu o Reich na fase final da guerra deve considerar-se elucidativo. A rendição em massa de grandes núcleos de tropas, a confusão política, o desaparecimento, em condições mal esclarecidas, de algumas das mais categorizadas personalidades nazis, tudo constituiu um quadro significativo onde as consequências inevitáveis da derrota militar vieram somar-se os efeitos de uma acção política e diplomática conduzida, ao longo de alguns anos, pelos métodos mais estranhos e paradoxais. Ao contrário do que aconteceu em 1918, em que os exércitos alemães derrotados regressaram ao seu país com as bandeiras desfaldadas e as bandas de música à frente, a segunda conflagração mundial teve o seu epílogo na ocupação militar do território do Reich e no aniquilamento do seu potencial económico e da sua máquina de guerra. Esta diferença deve considerar-se fundamental não tanto para o presente como em relação ao futuro.

São Francisco

O desejo de chegar ao fim em São Francisco continua, apesar de todos os contratempos registados, a dominar a vontade dos homens que se encarregaram da tarefa exaustiva de construir a paz, evitando o recurso a novas guerras. É preciso não esquecer que a humanidade ainda está envolta num ambiente de guerra a que os dirigentes como os povos não podem eximir-se, inteiramente, à sua influência. Chegará, porém, o dia em que todos reconheçam que só um esforço que seja o produto inequívoco de boa vontade comum é capaz de realizar em bases sólidas a colaboração internacional que deve sair do drama que o mundo a caba de viver. A Conferência de S. Francisco será como um passo decisivo dado para a realização desse fim superior.

Hitler e Mussolini

Do comunicado russo de 8 do corrente, publicado na imprensa portuguesa: «Não descançaremos enquanto não aparecer o cadáver de Hitler, e se ele não aparecer não acreditaremos na sua morte e teremos de o procurar por toda a parte até o encontrarmos».

Quando a Benito Mussolini foi julgado por um tribunal popular do norte de Itália, e depois fuzilado.

MUNDO GRAFICO

Director: ARTUR PORTELA

Chefe de Redacção e Editor: REDONDO JÚNIOR

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

Revista Quinzenal

Propriedade do Mundo Gráfico, L.º

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estréla, 4 a 10—Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Uma visão pânica da guerra. Através do fogo e das destruições, as tropas aliadas avançaram sempre, até a completa destruição da máquina de guerra nazi

O CAMINHO DO FIM

FORAM cinco anos e oito meses de luta sem tré. Guerra, esmaltada pelos mais sangrentos e dolorosos episódios. Entre as nações aliadas, apenas a Grã-Bretanha suportou, desde o início até ao término das hostilidades, o peso inteiro da guerra. A sua contribuição para a vitória comum não resulta simplesmente dos esforços feitos, das energias dispendidas, dos sacrifícios consentidos. Resulta, acima de tudo, da continuidade que o seu povo emprestou ao empreendimento em que se lançou para a defesa de alguns princípios fundamentais sem os quais é inútil conceber a sobrevivência da nossa civilização.

Entre 1 de Setembro de 1939 e 1 de Maio de 1945, nunca a nação britânica deu mostra da mais ligeira hesitação, nunca a consciência do seu povo



As tropas paraquedistas inglesas, que tão notável acção desenvolveram e que constituíram, desde o dia D, a vanguarda triunfal dos exércitos do marechal Montgomery



As fábricas Krupp, que eram a maior potencial industrial de armamentos da Alemanha, cujo nome e produção aterrorizavam a Europa, foram completamente desvastasadas pela aviação inglesa

foi assaltada pela mais ligeira dúvida, quanto ao desenlace da contenda. A nação britânica não teve, para isso, que pôr de parte nenhuma das regras morais, de moral nacional e internacional, que condicionaram a sua entrada e a sua participação no conflito. O povo britânico não teve que renegar nenhum dos postulados tradicionais em que assenta, há séculos, a sua vida colectiva. Esta lição raramente terá sido igualada, e nunca, certamente, foi ultrapassada,

no curso da história. A resistência britânica, entre Junho de 1940 e Junho de 1941, foi o primeiro e o mais decisivo passo dado na senda da vitória. A batalha aérea da Inglaterra, seguindo-se à evocação de Dunkerque, foi a demonstração irrefutável de que o poder militar da Alemanha não era invencível e seria inexoravelmente dominado pela pertinácia e pelos recursos dos seus adversários. Finalmente, foi à volta do núcleo britânico que se formou a coligação

vencedora. Para a criar e para que ela se não perdesse por entre as vicissitudes da luta, as forças armadas e a diplomacia da Grã-Bretanha realizaram uma tarefa sem precedente, cujo êxito, final e espectacular, está agora à vista. São estes títulos ao reconhecimento das gerações vindouras que o povo britânico inscreve na primeira página do livro em que se resume o seu esforço de guerra.

A história dos últimos séculos fornece-nos alguns exemplos eloquentes da função verdadeira que a Grã-Bretanha tem desempenhado na conservação e na sobrevivência do equilíbrio continental. Se as suas lições tivessem sido oportunamente entendidas e justamente interpretadas, muitos acontecimentos lamentáveis poderiam ter sido evitados. Estão os homens decididos a não as aproveitar, mais uma vez, e a reincidir

(Continua na página 29)



Patton foi o general mais rápido desta guerra. Uma coluna das suas forças blindadas avançando através de uma cidade alemã, deserta e incendiada



Como se conquistou Osnabruck, que levou as tropas britânicas ao domínio de Bremen, de Hamburgo e de Lubeck. Entre as ruínas, que são verdadeiras trincheiras, os ingleses batem-se pela libertação da Europa



Hoje, pode dizer-se que todo o exército alemão foi capturado. A rendição foi incondicional, conforme Roosevelt e Churchill, solenemente, declararam



CESSAR FOGO!

**UM GRANDE REI
E UM GRANDE POVO**





O CAMPO DE BELSEN



Os campos de concentração alemães são um dos maiores crimes desta guerra. Pelo testemunho humano e pela fotografia, as comissões de inquérito provaram que o prisioneiro político, de guerra ou cívico foi ali submetido às mais nefandas torturas. Prisioneiros ingleses, recentemente libertados, lêem nos jornais as atrocidades sofridas pelos seus camaradas



No campo de Belsen. O horror pinta-se na fisionomia de alguns civis alemães.



Em frente da cova dos mortos, em Belsen. Neste campo enterravam trezentas pessoas por dia. Um padre inglês rezando pelas almas das vítimas



A delegação parlamentar britânica que foi visitar os campos de concentração na Alemanha



O dr. Kléin, que se servia dos prisioneiros do campo de Belsen para as mais diabólicas experiências, injectando petróleo nas artérias dos indefesos pacientes



Um aspecto do campo das torturas, depois da chegada dos soldados ingleses

DERAM À COSTA!

A FRODITE nasceu, no meio do mar, numa concha de nacar, de uma redessa brancura de espuma, coberta apenas pelo sol da beleza, que lhe moldava as formas hêlicas... Esta alegoria tem sido visionada pelos pintores, descrita pelos poetas, e atormentado a penitência de muitos ascetas, mas nunca foi uma realidade corpórea, física, carnal. Hoje, porém, com uma boa e diabólica máquina fotográfica, a ficção torna-se, sugestivamente, realidade. Em vez de uma Afrodite, duas. Logo de uma vez, como vagas da mesma altura, de igual alvura e idéntica crispação! Deram à costa estes lindos peixes, que o mar naquela loucura de paixão, apesar da sua ciclônica brutalidade, respeito e adorou num sonho intacto de mármore feito de carne, de carne convertida em sonho! Todo o mundo antigo esplendente e pagão, de formas desnudadas, coroado de rosas, paira com um fulgor, sobre o corpo das belas adormecidas. Não terá o mar mais destas lindos peixes? Onde a praia encantada, onde naufragam tentadoramente? Quem não sabe nadar, aprenda agora... enquanto é tempo e o sonho não se desfaz!





Como as lisboetas sorriam no dia da Vitória

“ACABOU a guerra, acabou a guerra”, —saía espontâneo e vibrante o grito alegre da boca de centenas de milhares de pessoas.

A multidão comprimia-se nas ruas, nas praças públicas. Depois, como onda romulosa, ondeava açotada por um vento de entusiasmo.

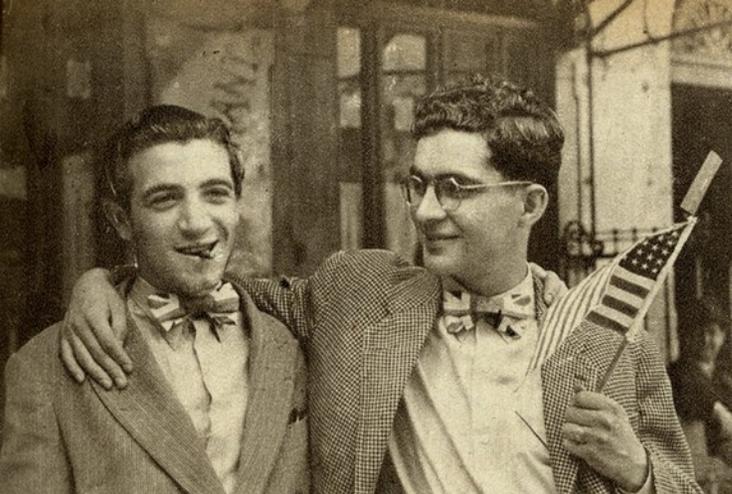
Bandeiras dos países aliados tremulando à carícia de essa tarde luminosa da primavera, imprimiam à cidade um ar festivo de quermesse.

E o povo, o grande construtor de mundos e de ilusões, havia-se tornado uma criança a quem, porventura, houvessem o mais fascinador brinquedo. A mocidade: raparigas das Faculdades, das fábricas, dos *ateliers*; rapazes das escolas, senhores respeitáveis que por momentos haviam perdido a compostura; operários e estudantes, gente humilde, mas honesta, pessoas graves e de haveres, todos, todos formavam um bloco que o entusiasmo, unia num só desejo: saudar a liberdade que se avizinhava generosamente.

Lisboa saíu à rua, não para passear ou contemplar um espectáculo, mas, sim, para ela própria se transformar num surpreendente espectáculo.

O povo, dominado por uma alegria nova, cantou, e saudou a paz a que tem direito, e sentiu a alegria de que tanto é merecedor.

Lisboa parecia outra! Onde estava essa
(Continua na página 22)



A alegria da juventude. Laços e bandeirolas com as cores anglo-americanas



As manifestações populares improvisavam-se assim



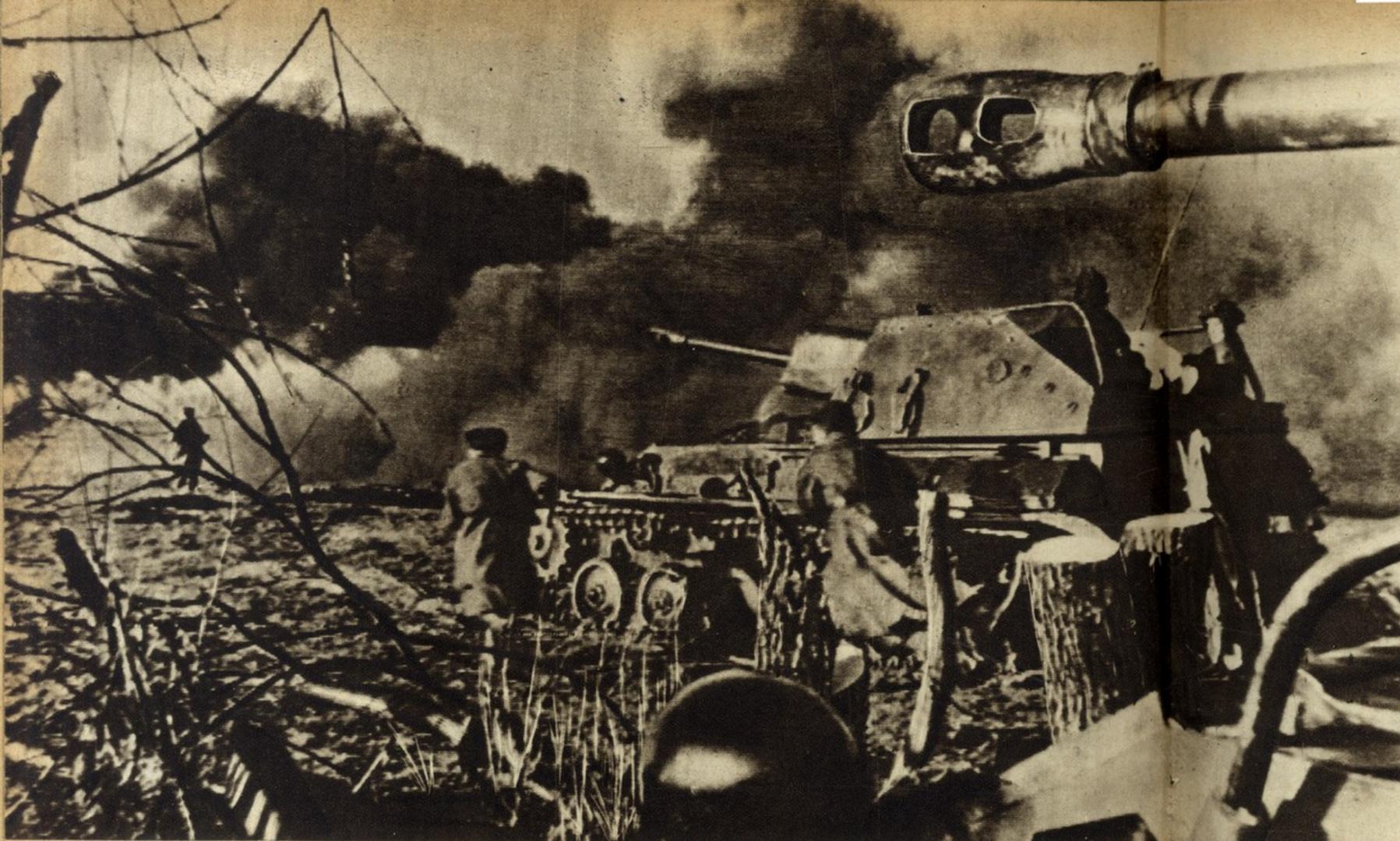
Glória ao Grande Churchill!



Um pequenito português que ama a glaterra

Viva a França de De Gaulle!

A RENDIÇÃO FOI INCONDICIONAL



As forças das Nações Unidas, com os seus poderosos tanks armados de canhões de grosso calibre, dominam os últimos redutos da resistência inimiga.



Vienna, uma das lindas capitais da Europa, com o seu espirito subtilmente latino, readquire, pouco a pouco, a sua fisionomia normal, e a Áustria volta a ser reintegrada na sua independência.



Todas as capitais da Europa, ocupadas pelo inimigo, foram libertadas. Para todos, igualmente, soou a hora da redenção, depois de cinco anos de trevas e de opressão.



As tropas americanas, numa ousada operação, feita através de um dos braços do Reno, conquistaram Arnhem, precipitando a rendição em massa a Montgomery.



Ribbentrop, como tantos outros nazis, quis ser um dos dominadores da Europa. Sobre as ruínas de Berlim, ou em fuga, terminou esse sonho odioso e insensato. Uma das últimas fotografias do antigo ministro dos Estrangeiros do Reich.



CHURCHILL, O ARQUITECTO DA VITÓRIA



ROOSEVELT, O APÓSTOLO DA LIBERDADE

A DECISÃO DO MUNDO

por ARTUR PORTELA

O mundo deu a sua decisão! O que se passou ontem, um ontem envelhecido, fumegante de destroços, em que o nazismo foi vencido, só interessa nesta hora como negra e trágica recordação histórica. O que se vai passar, o «hoje» vibrante da actualidade directa e fremente da vida humana é mais transcendente porque constitui o património da nossa civilização. Importa desde já afirmar que as palavras ditas terão de se cumprir, não com a inflexibilidade das sentenças que os proceres costumavam formular, antequilando a consciência dos povos, mas como indeclinável dever daqueles que, tendo conduzido a guerra até à Vitória, através de todas as circunstâncias, sabem que os combatentes não levaram, apenas, para os campos de batalha, o peso das suas batonetas e a energia inquebrantável do seu heroísmo. Levaram também ideais de fraternidade, a sua aspiração de um mundo sem fome, o seu desejo veemente de libertar de todo o

condicionalismo restrictivo o natural desenvolvimento da personalidade e o firme propósito de que a guerra de agressão e de domínio seja considerada um crime para todo o sempre.

Este terrível prélio, pelo menos, de um lado, não se travou a favor de oligarquias ou estados maiores. Teve a adesão desinteressada e permanente dos povos — o homem da rua, o homem do campo, o homem da fábrica que viram no nazismo, apesar de todas as camuflagens, o inimigo irreductível da sua liberdade individual e da sua consciência nacional.

Há, pois, que corresponder a esse ideal básico. Agora que a máquina alemã rolo de escantilhão no abismo da derrota, os problemas surgem com maior nitidez, sendo portanto, mais fáceis de orientar e solucionar.

A Europa já não recia o medo, não teme a invasão. É livre — livre para deci-

(Continua na página 22)

A CIENCIA BRITÂNICA VENCE O MOSQUITO

RONALD ROSS queria ser pintor. No entanto, seus pais julgavam a profissão médica mais apropriada e, em 1881, o jovem dr. Ross partiu para a Índia afim de ocupar um cargo nos Serviços Médicos. O que lá viu, dispersou-lhe as últimas hesitações das suas ambições artísticas, e encaminhou-o para o trabalho que ia trazer grandes melhoramentos na guerra contra as doenças tropicais.

O trabalho de Ross e o dos seus sucessores dificulta-nos a compreensão da grandeza e complexidade do problema da malária naquele tempo. Sabia-se muito pouco dêsse assunto e existia em tantas terras! — China, In-

dia, América do Sul, África Tropical. Tribus inteiras eram devastadas, províncias inteiras reduzidas a selva.

Em 1820, uma guarnição britânica, situada em Trinidad, sofreu uma mortalidade de mais de 72% — uma cifra extraordinariamente elevada. A malária era mais do que uma doença, era uma calamidade.

O quinino, uma preparação feita com casca de árvore «cinchona», foi trazido do Perú para a Europa no século XVII e, desde então, tem sido utilizado para aliviar a malária. Mas era só um paliativo. Qual era o tratamento específico para a malária? Qual a sua causa? Como se propagava? Tudo isso tinha

que ser descoberto antes que qualquer preventivo pudesse ser inventado.

A bacteriologia era uma ciência nova. Ronald Ross interessou-se, e o curso que seguiu formou uma base útil para as investigações que ia empreender. Durante 4 anos, estas investigações não deram resultado, — 4 longos verões indianos de calor insuportável, passados em laboratórios onde nem sequer podia utilizar um leque pendente; receando que a corrente de ar fizesse voar para longe os seus espécimes frágeis. Quasi pronto a desistir, Ross voltou de licença para Londres. Aí, encontrou

(Continua na página 29)



Sir Ronald Ross, que demonstrou o método pelo qual a malária é transmitida

A escola de Higiene e de Medicina Tropical, em Londres, onde médicos ingleses se treinam para trabalhos em climas tropicais



Em cima, uma escola britânica de treino anti-malárico perto de Anzio. Esta área é uma das mais perigosas na Europa para a malária

Em baixo, um soldado inglês devasta uma vegetação densa, enquanto o seu companheiro pulverisa uma área infectada pelo mosquito



Nascimento de um portador da malária. Da esquerda para a direita: A crisálida, que contém o mosquito adormecido; o mosquito começa a emergir; o mosquito está, agora, claramente visível; e o anopheles completamente desenvolvido ao lado da sua crisálida, já abandonada; e o mosquito alimenta-se de sangue, com a sua longa tromba enfiada na pele humana

NA GUERRA CONTRA A MALARIA



A R. A. F. também possui uma unidade anti-malárico. Sujeitos à sua inspeção, estes homens pulverizam uma corrente de água ao pé de um campo de aviação



Um oficial australiano coloca armadilhas para moscas numa área malárica no Médio Oriente. Os conhecimentos adquiridos por Ross e os seus sucessores tiveram uma importância vital no esforço de guerra da Grã-Bretanha

Os aviões da R. A. F. têm-se salientado pelos seus trabalhos durante a guerra contra a malária. Grandes áreas pantanosas podem depressa e eficazmente ser pulverizadas do ar com um pó anti-malárico



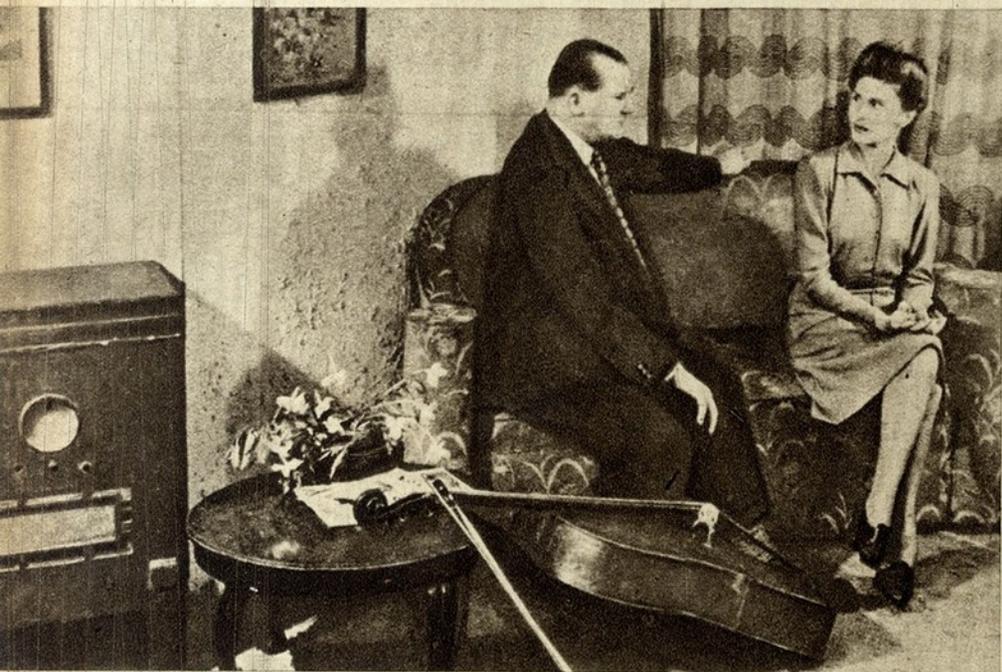
FOTO-CRIME

A CANÇÃO DA MORTE



O carro da polícia estacou à porta da casa de campo de Doyle Everett, e o inspector Cobbe, acompanhado por Paul Wallace, subiu apressadamente ao primeiro andar. No peito de Everett, um profundo golpe de punhal indicou a Cobbe que nada havia a fazer. Junto à ombreira da janela aberta, via-se o topo de uma escada de mão.

No chão estava um papel, com as seguintes palavras dactilografadas: «Pago sempre as minhas dívidas I-X Z.» Paul informou Cobbe: — Na semana passada, meu tio recebeu uma carta avisando-o de que só lhe restava uma semana de vida. Foi introduzida, durante a noite, na caixa da correspondência. Suponho que éle a destruiu.



No rés-do-chão, Desiree disse a Cobbe: — Meu pai estava doente há algumas semanas. Eu fazia-lhe companhia todas as tardes desde as seis até às oito, hora a que chegava a enfermeira. Hoje, às sete, desci para lhe levar o leite e deixei-o adormecido. Quando voltei, dois minutos depois, estava morto... Gritei e saí do quarto. Paul declarou ainda: — Eu sou violoncelista. Estava executando um trecho quando ouvi os gritos de minha prima. Precipitei-me ao seu encontro e ela suplicou-me: «Chama a polícia! O pai foi assassinado!» Cobbe perguntou a Desiree: — Ouviu o seu primo tocar durante todo o tempo em que esteve ausente? — Sem dúvida, claramente — respondeu Desiree.

QUAL A PISTA QUE LEVOU COBBE À DESCOBERTA DO CRIMINOSO?

(VER A SOLUÇÃO NA PÁGINA 30)

A decisão do mundo

(Continuação da página 19)

dir dos seus destinos, estabelecendo as directrizes que lhe possam assegurar uma paz intemporal! Já muito sofrámos para que se possa, sequer por um ligeiro rumor de armas, comprometer o silêncio augusto que os mortos, os milhões de mortos exigem com o imperativo sagrado do seu sangue!

A Inglaterra continua a ser o fiel da balança internacional. O seu sistema político desafia os séculos, vencendo todas as crises: a de Napoleão, a de 1914 e a de agora, com serenidade e grandeza, num exemplo que é uma lição para todos os países.

Na pequena ilha enraizou e cresceu o governo do povo; temperado por um notável bom senso, num equilíbrio estável, que torna cada indivíduo, seja qual for a sua condição, igual a todos os outros.

Desfraldando a sua bandeira para defender a Europa, a Inglaterra bateu-se por um ideal, sem nada querer para ela, dissemo-lo aqui, quando poucos acreditavam nestes dias redentores da vitória incondicional! Repetimo-lo agora, não com o intuito de passarmos por oráculo, mas para afirmar que o materialismo histórico, não é uma lei inexorável, mas um caso esporádico que, na velha Roma ou no Berlim contemporâneo, se despedaçou sempre — na primeira contra o espiritualismo cristão, na segunda contra a liberdade dos povos.

Que a Inglaterra saiba sempre ser a Inglaterra! A ela devemos, nesta guerra, a decisão do mundo!

A. P.

VITÓRIA

(Continuação da página 14)

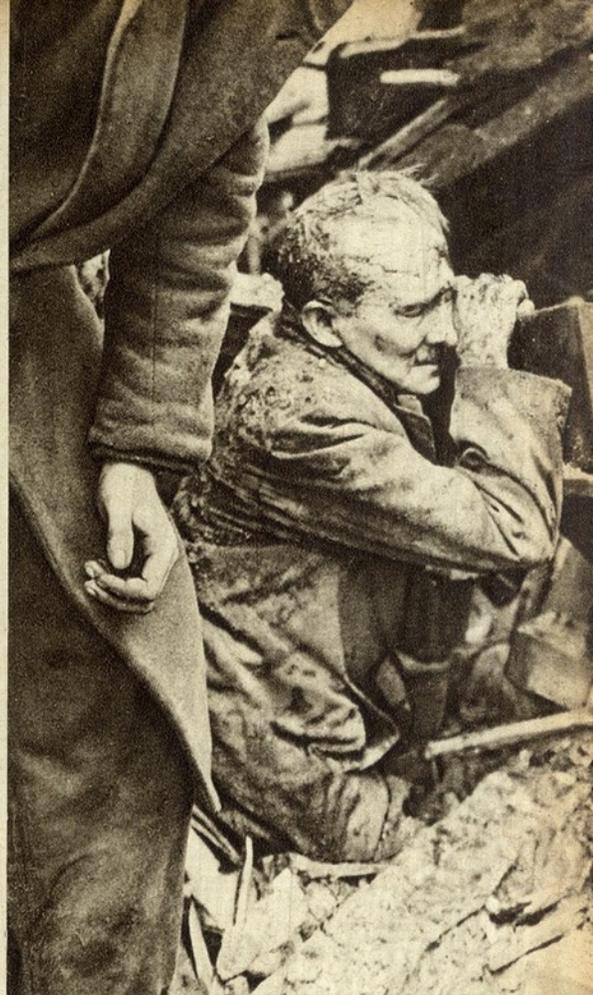
gente tristonha, que parecia trazer consigo o peor de um remorso? Tudo desaparecera: tristezas e cuidados, iluminados pelo sol radiante de uma acalentadora esperança. Lisboa foi alegre, optimista, franca e ardorosa. As multidões e as cidades têm, por vezes, aspectos contraditórios. A Paz, esse sentimento que em tantos casos é meditação e reconhecimento, trouxe ao povo um pretexto de estrondosa alegria. Mas os sentimentos que a alma popular oculta, expressões de respeito e de piedade pelos que sofrem e lutam, esses continuaram a afirmar, na sua compreensão, a Ingénita bondade que é símbolo imorredouro dos corações bem formados. O povo, sim, cantou, saudou, quasi chorou de alegria. Que mal vem, por isso, ao mundo?

Seria uma cruel injustiça não admirar e saudarmos, nós que também somos povo, o sentimento respeitável da alma popular.

O FINAL



Esmagado pela derrota, o burgomestre de Leipzig suicidou-se no seu gabinete de trabalho, quando as tropas americanas entraram na cidade, redimindo-a do jugo do nazismo



A ignominia das bombas voadoras só pode ser comparada ao que se passou nos campos de concentração da Alemanha. Um desses engenhos caiu numa casa em Inglaterra sepultando um casal de anciãos. Uma das vítimas em estado de «choque»



As tropas britânicas libertaram já quase toda a Birmânia. Foi assim que elas entraram em Mandalai, cansadas mas gloriosas, depois de atravessarem milhares de quilómetros e de ter vencido sempre o inimigo



E tudo acabou



Uma polícia do trânsito numa cidade libertada

A MULHER NA GUERRA



A duquesa de Kent a bordo do navio de guerra inglês «Chrysanthemum»



Holandesas e canadenses confraternizam. O primeiro soldado a entrar em Deventer é assediado pelas caçadoras de autógrafos



A comandante de um batalhão das A. T. S. inglesas, de que fazem parte mulheres belgas, passa revista a uma formatura



Uma cena na Alemanha. A população recolhe-se às suas casas, conforme as instruções dos exércitos libertadores

AS CÔRES

As côres merecem mais a nossa atenção; não lhes ligamos bastante importância.

Há umas que nos atraem com mais intensidade do que outras. Por exemplo: o encarnado vivo admite-se lindamente como pormenor, mas foge-se dele como conjunto.

Em alguns hospitais modernos, os quartos já não são uniformemente brancos, lembrando o fim a que se destinam, mas, pelo contrário, as paredes são pintadas de tons diversos, recordando o lar.

Os homens preferem, não sei se as honras — mas a cor azul.

O amarelo tem sido injustamente caluniado — não é nada a cor do desespero ou da inveja, mas possui antes o colorido do sol, trazendo vida e alegria. Os antigos asseguravam que era o reflexo da inteligência pura e do pensamento bem organizado. Deve usar-se com generosidade nos locais onde se reúne a mocidade; o alaranjado estimula o apetite.

As pessoas que têm mau gênio rodear-se-ão de cinzento e evitar as tonalidades violentas.



Aqui têm as nossas leitoras dois fatinhos para os seus filhos, nos mesmos tecidos

PÁGINA FEMININA DE AURORA JARDIM

Indumentária infantil

Saber vestir uma criança é uma arte delicada. Tem alguma coisa de mimo de boneca. A ternura e a estética fundem-se no mesmo ritmo. É antipático vestir um menino com fato de homem, antes da idade, sobretudo, antes de ter atingido a altura conveniente. Não acham também irritante converter um Fragonard tamanino, de caracóis loiros e sorriso sem *baton* numa senhora, com todos os sensacionalismos da última moda?

O segredo, ou melhor, o virtuosismo está na simplicidade. O mais sobrio é, no caso sujeito, o mais atraente. É preciso, sobretudo,

respeitar a estrutura física da criança, dando-lhe liberdade de movimentos, claros saudáveis de epiderme para receber a luz do sol — a grande vitamina da infância —; e tecidos, agora na primavera, ligeiros, de cores frescas e ridentes.

Os ingleses sabem, admiravelmente, vestir as crianças. E neles um gosto inato.

Os modelos não serão muitos, mas o racionalismo do corte — é perfeito.

Não há, pois modas infantis; o que há é bom gosto das mães, que devem preferir brilhar os fatos dos seus filhos a comprar confecções, por medida que são de uma triste uniformidade.



Para o seu rapazinho

Oráculo

Leia tôdas estas respostas. Alguma há-de servir para o seu caso pessoal:

— Há-de casar, sim. Mas nunca ponha o carro adiante dos bois. Saiba esperar.

— Não faça isso sem lho dizer. Tudo se sabe e depois terá um sarilho enorme.

— Segure-se. Olhe que «tête folle perd souvent son bonnet».

— Comece por guardar o que possui.

— Isso é um aborrecimento que passa. Não lhe dê importância para que se não transforme em desgosto.

Verdades

O amor é a doença que mais faz sofrer.

Então porque não descansas enquanto a não apanhas?

Quem não vê senão dois palmos diante do nariz é muito mais feliz do que aquele que vê o mundo inteiro e ainda para além! Sabe lá o que é ansiedade!



Um vestido de noite com a marca de elegância do Harper's Bazaar



Para as tardes mais frias, este conjunto de saia e colete



Dentes com saúde



“Escravos da morte”

Um novo livro de Guedes de Amorim

NÃO vamos tratar nesta curta notícia do livro nem tampouco, do seu autor. Nem um nem outro precisam de recomendação. Guedes de Amorim tem já, e de há muito, o seu nome consagrado de escritor.

“Aldeia das Águas”, o romance justamente distinguido pela Academia com o «prémio Ricardo Malheiros», sagrou o seu autor como forte personalidade de romancista.

Guedes de Amorim não podia, portanto, adormecer sob os louros colhidos; havia tomado perante os seus admiradores, e estes são todos os que lêem as suas obras, um compromisso; o dever de continuar a dar-lhes livros, e a não desprezar o seu talento no dia a dia de labutas intelectuais, dignas mas efémeras. Mas o escritor, por uma necessidade criadora do seu espírito, voltou à sua missão humana de conceber e comentar a vida através dos seus livros. Seria julgamento ilusório acreditar que o seu espírito vivo tivesse perdido o contacto do público.

Um pouco inesperadamente, porém, Guedes de Amorim voltou e voltou como sempre: com uma admirável obra a que deu o título vigoroso e exacto de «Escravos da Morte», e na qual o escritor mais uma vez nos revela a intenção justiciara que põe nas páginas dos seus livros.

Nestas suas novelas existe o tumulto que arrasta os homens pelas amargas sendas da existência, umas vezes acorrentados a quimeras prometedoras, outras esmagados pelos sofrimentos, pelas lutas, pelas ansiedades e, também, pelos preconceitos que igualmente martirizam e prendem aos vãos, que todos seres os tentam humanamente.

Guedes de Amorim, escreveu assim mais um belo livro. Aqueles que há tanto ansiavam por mais uma demonstração do seu talento, estamos certos de que ficarão compensados da espera.

Estas linhas, repetimos, não são uma crítica; nem caberia neste curto espaço a referência a que o livro de Guedes de Amorim com justiça merecia.

E tão somente, uma simples nota do registo; embora seja ao mesmo tempo a afirmação do muito que poderíamos dizer acerca do seu talento de escritor. «Escravos da Morte», têm ainda a valorizá-lo uma expressiva e bem ajustada capa desenhada por Rodrigues Alves.

Enfim, este recente livro do romancista da «Aldeia das Águas» é mais uma brilhante afirmação do valor literário do seu autor.

ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

Símbolos e modas

AQUI há muitos anos, e nós ainda nos lembramos porque, infelizmente, somos desse tempo, só comediantes, padres e cocheiros usavam a cara rapada.

Mas, com o rodar dos anos, a ausência de atributos capilares no rosto passou a ser moda e tornou-se banal. Contudo, ainda raras pessoas aferradas às tradições dos avós usam a barba, embora só de quando em quando nos apareçam exemplares dessa natureza.

Ora esta citação recorda-nos um dito que em tempos ouvimos a um jovem glêbro e atrevido.

Pessoa tida por respeitável, mas de vulnerável respeitabilidade, aludiu de modo trocista ao referido rapaz que tinha a cara rapada: que era próprio de senhora, faces tão lisas e tão limpas de pelos.

E logo o atingido larga esta ao crítico:

E o senhor para que usa essas barbas? Será para fazer acreditar aos que o não conhecem que, à falta de qualidade mais honrosa, tem qualquer coisa na cara?

Revista “Turismo”

O último número da Revista «Turismo», dedicado à característica região do Ribatejo é, aliás, como todos os números da interessante publicação, pleno de interesse.

Além do seu aspecto iconográfico contém valioso referente à típica região ribatejana. «Turismo» insere ainda colaboração literária dos melhores nomes das letras e do jornalismo.

JUIZOS PROVÁVEIS

NADA há mais contraditório e injusto do que as sentenças dos homens acerca da mulher. Já vem de longe o costume. Muito e muito antes de Molière a haver ridicularizado nas «Sabichonas», os poetas gregos deram o exemplo ou mau exemplo. Talvez pela influência do tema e tratando-se de versatilidade os homens foram igualmente volúveis nas suas opiniões.

Uns nem sempre foram pródigos em elogios às mulheres que não fossem aspirantes a George Sand. O espírito requintado de uma mulher superior dava, em alguns casos, motivo a um exaltador poema lírico ou, pelo menos, a uma interminável série de ditirambos.

Mulher simples, sem pretensões a génio literário, mesmo que fosse bela, não merecia a exaltação de ardorosas astrotes.

Assim foi em alguns casos, mas não em todos. E aqui é que está o aspecto contraditório de tudo que se prende com o homem e, também, com a deusa mulher.

Se um sentenciador afirmou certa vez que a mulher é a mais perfeita obra da criação, e outro não menos sentencioso, disse que sem o olhar da sua amada o mundo ficaria às escuras, e outro de cujo nome nos lembramos neste momento, disse que uma mulher não formosa sem espírito é um frasco sem perfume, tantos outros tiveram opinião diversa.

Gonçalves Crespo, sublimemente o encanto da mulher de poucas letras deste modo:

São mais lindos que os teus olhos teus erros de ortografia.

E um actualíssimo ironista não teve pejo em declarar que uma mulher bonita que sabe gramática perde cinquenta por cento da sua beleza.

A verdade, porém, é que nem sempre o que os homens dizem das senhoras, bem ou mal, se harmoniza com o que elas fazem.

O feio bicho da criação é o mais imperfeito dos seres. Há até quem afirme que a mal-diçência não existia sem ele.

Claro que esta sentença devia ter partido dos lábios de uma linda senhora.

Desta suposição — quem sabe? teria surgido a fútil vingança do homem, que em tudo pretende ter a primazia.

Cláudio Basto

FALECEU há pouco no Porto uma notável figura de intelectual — Cláudio Basto. Deixou mais de quarenta volumes publicados sobre filologia, crítica, etnografia, literatura. Muito trabalhou e muito ensinou. Missões tão nobres que deveriam merecer respeito.

Pois a morte do incansável trabalhador das letras não foi além de meia dúzia de linhas de referência ao desaparecido.

Parece que se vai perdendo a virtude de preitar a memória dos que foram úteis à evolução da cultura, que o mesmo é dizer ao por gesso humano. A vida hoje não pára para admirar com justiça; e o homem perdeu a faculdade contemplativa.

Infelizmente, adquiriu a vertigem de correr atropelando e esmagando os que meditam sobre os seus erros alheios. Talvez por isso, para muitos indivíduos, nestes tempos, o útil é mais de apreciar do que o belo.

E às vezes pensamos que a perda de certos homens dificilmente será remedida.

Sabemos que nada é irremediável; mas também não ignoramos que os remedios nem sempre se igualam às obras e aos exemplos daqueles que partem.

Sobre os que, porventura os virão substituir é ainda hipotético formular qualquer juízo, por muito esperançoso que o porvir nos apareça.



Os soldados americanos no Estádio de Munich

OLACK

de EUGENIO VIEIRA

NUM recanto do jardim soava um alegre ruído de mocidade. Alguns jovens riam e falavam alto, expansivamente. Falava-se em mais de uma língua, mas o francês predominava.

— Vê-se bem que estamos no «Cantinho dos Emigrados!» — disse em francês um dos rapazes, de cabelos escuros e pele morena, que chegava, e se que viu bem ser português.

— Em verdade, esse cantinho é aqui — disse na mesma língua, um outro jovem de olhos claros, os cabelos um tanto ondulados, e acrescentou com entusiasmo: — A minha bandeira é o coração!

Uma jovem morena, de olhos castanho-escuros, toda gracilidade e leveza, aproximando-se do grupo, disse como em cumprimento:

— Bonita frase: um coração por bandeira!

Em ar de madrigal, o jovem dos cabelos claros disse:

— Se quisesse acolher-se à minha bandeira...

A morena respondeu:

— É' questão de saber qual é a sua pátria...

— Sou polaco, e a senhora?

— Nasci em Portugal.

— Dia-me que horas são, se faz favor? — perguntou o polaco.

Desenvoltamente, a morena respondeu:

— Aqui, neste Cantinho de Emigrados é a hora da guerra...

Como movidos do mesmo impulso, os jovens bateram as palmas, dizendo:

— Bravo! Bravo!

— É' verdade — disse com farta acentuação dos rrr o jovem polaco. E em seguida, com a mesma acentuação:

— Mademoiselle, boa tarde.

— Fala português? — perguntou-lhe a morena.

Em voz do estrangeiro, respondeu o rapaz moreno:

— Não fala, não, Daniela, mas fala o francês como o mais gracioso papagaio o faria se fosse possível tais aves terem gênio... Converse com ele nessa língua, porque da nossa ele já lhe disse tudo o que sabe: é' verdade e boa tarde. É' assim que cumprimenta toda a gente, desde as dez da manhã à meia noite ou mesmo de madrugada. Está entre nós apenas há cinco dias, mas já nos contou a sua história, em francês, já se sabe...

— Gostaria de ouvi-lo — disse Daniela fitando com simpatia o estrangeiro. E dirigindo-se ao rapaz moreno — Conte-me você em português, Vasco.

— Vou contar-lha e depressa: Aqui o senhor Olack foi preso aos dezasseis anos, pelos alemães, em Varsóvia, aos dezanove anos. (Ele, agora, tem dezanove). Levado para um campo de concentração (isto é sempre a mesma coisa) evadiu-se, voltou a casa de seus pais. Os germanos, vendo que ele se tinha evaporado, por um processo químico muito seu, fizeram-no concentrado. São as reacções químicas da guerra... Mas a retorta não foi infalível e o concen-

trado novamente foi evaporado. Voltou a casa e disse à família:

— Estos v'ojistas cheiram-me a maçada. Pareci uma parede de distância entre mim e o inimigo. Prepararam em Londres um exército polaco. Vou até Portugal, e dali embarco para Londres. Se bem o disse melhor o vai fazer. Está à espera de navio que o leve e... enquanto não embarca: «Boa tarde e é' verdade, e... pronto, acabou-se a história.

Enquanto Vasco assim falava, Olack e Daniela envolviam-se num desses olhares que dão a impressão que estão presentes dois seres que há muito se conhecem, mas que estiveram separados pelo tempo e a saudade... E coravam ambos: duas vidas embalando-se numa aleitua que festeja o reconhecimento entre duas almas... Passaram a encontrar-se, às tardes, no jardim. Conversavam e conheciam-se...

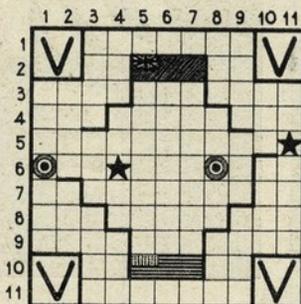
Daniela, um dia, perguntou-lhe:

— Quando entrar em Varsóvia, que fará primeiro?

— Enterrarei alguns mortos de guerra. É' um acto de piedade a que não pode faltar um polaco.

(Continua na página 30)

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 111

HORIZONTAIS

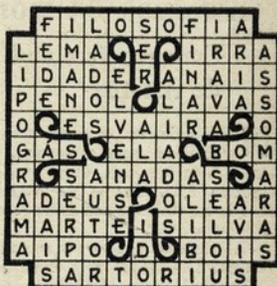
- Coligados.
- Enxerga; Polyvilho.
- Erya-doce; Planta labiada; A outra vida.
- Rio que atravessa Letria; Levemente molhada; A sora.
- A GRANDE NAÇÃO QUE SOU- BE RESISTIR HEROICAMENTE AOS ATAQUES DO INIMIGO E LEVOU A GUERRA POR DIANTE ATÉ AO DIA DA VITÓRIA.
- Preposição e artigo; Região da Palestina, situada no Vale do Jordão; Andar.
- O que nunca faltou ao povo das Nações Unidas; OUTRA GRANDE NAÇÃO A QUEM SE DEVE A DERROTA DO NAZISMO; Preposição e artigo.
- Rio da Ásia Central, tributário do Lago Balcash; Ligada; Felicidade.
- Oportunidade; Sadio; Sacerdote budista.

- Graciosa; Pertences.
- Junte.

VERTICAIS

- Além; Termo.
- Cantiga para acalantar; — Pronome pessoal.
- Vila do distrito de Portalegre; Possessão portuguesa na Índia; Interjeição que designa repulção ou raiva.
- Soletras; Ribeira do distrito de Aveiro, afluente do Antus; Cordilheira que atravessa grande parte do Algarve; Aqui está.
- Figuras.
- TRUNFO ALCANÇADO PELAS GRANDES NAÇÕES UNIDAS E FESTEJADO RUIDOSAMENTE EM TOLO O MUNDO.
- Aderente.
- Espécie de capa; Viração; Entre nós; Norma.
- Chão; Caminho; Fundamento.
- Epoca; O mesmo.
- Noctiva; Folhagem.

Solução de problema n.º 109



Milhões de homens — em todos os cantos do mundo, devem à Gillette a rapidez, a facilidade e a economia da sua barba diária. A produção ainda é limitada, mas se comprar a Lâmina Gillette Azul ou a Lâmina Gillette Dourada terá obtido a lâmina de alta qualidade.

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA

ESTOMAGO ACIDO?

Se tem o estômago sujo,
Se se sente empanzado...
Basta tomar 2 Rennie's
Para ficar aliviado!

Pode estar a trabalhar, andar na rua, numa sítia ou no cinema... pode estar em qualquer parte e ser atacado de digestão.

Terá de suportar tal como? Não! Onde quer que esteja pode acabar com a indigestão em dois minutos — se ler consigo Rennie's — e os Rennie's são embruadas, separadamente, para se poderem transportar na algibeira do jete ou na malinha de bolso.

Assim armado quando entrar a indigestão, contra-ataque sem demora! Não precisa de água, nem beber. Basta chupar as suas Rennie's, uma de cada vez da outra. Sem demora as Rennie's neutralizarão o excesso de ácido que causou o infortúnio.

A dor desaparece. A agonia vai-se a flatulência acaba. Parece mesmo um milagre — as Rennie's fazem destes milagres constantemente.

Compre um pacote de Rennie's na sua farmácia. Traga sempre algumas pastilhas consigo, vá para onde vá.

UMA DOR
2 RENNIES
UM SORRISO

RENNIES

O teatro em Londres

(Conclusão da página 2)

fulastica recepção. É curioso comparar o «Ricardo III» da «Old Vic» com o «Hamlet» representado pela companhia John Gielgud, a curta distância, um do outro, no Haymarket. Esta companhia fundou um repertório por acaso. O êxito com que puseram em cena a peça «Love for Love» de Congrave, há mais de um ano, trouxe-lhes o que parecia ser o prenúncio duma exibição sem fim. Naturalmente, principiaram a cansar-se e sentiram, também, com justiça considerável, que não fazia bem ao teatro londrino ter uma companhia de actores de primeira classe agarrada à mesma peça durante muito tempo.

No entanto, em vez de abandonarem completamente «Love for Love», tiveram a excelente ideia de acrescentar ao seu repertório mais duas peças (outras viriam mais tarde) e representar as três ao mesmo tempo. O Conselho de Apolo à Música e às Artes associou-se a este plano e assim foi que uma companhia, incluindo John Gielgud, Leslie Banks, Miles Malleston, Peggy Ashcroft e Yvonne Arnaud, grupo tão forte como o da «Old Vic» apareceu representando simultaneamente, com êle, um género muito semelhante. As outras duas peças escolhidas foram «Hamlet» de Shakespeare e «The Circle» de Somerset Maugham.

A companhia Gielgud não mostrou sinais de ir escolher uma peça estrangeira; a única, presentemente, no repertório das duas novas companhias é o «Peer Gynt», na «Old Vic», uma produção audaciosa, com um desempenho magistral e seguro de Ralph Richardson no papel de Peer. É de esperar que os grandes clássicos do drama russo e francês fiquem em breve nos

seus cartazes; igualmente, que se arrissem a apresentar novas peças de novos autores ingleses, uma aventura necessária para alimentar as esperanças que o público pôs nestas fundações, como o renascimento do teatro britânico.

O caminho do fim

(Conclusão da página 8)

nos erros e nas culpas que constituem o fruto dramático sobre o qual se desenrolaram invencivelmente, todas as conflagrações? Esta pergunta não parece descabida, no momento em que o mundo inicia a transição dolorosa da guerra para a paz. Ganha a guerra, é de ganhar a paz que se trata, agora. O inimigo foi dominado em condições que excluem qualquer precalço fundamentado com o que se passou em outras guerras nas quais interveio activamente. O Terceiro Reich conheceu uma derrota militar que não tem precedente na história do povo alemão. Este deve ter, finalmente, compreendido que a «guerra não paga» e que não vale a pena suscitar as catástrofes para ficar soterrado sob os escombros que elas provocam. A lição pode aproveitar a todos os perturbadores da paz. Não há convívio internacional útil nem prosperidade real entre as nações enquanto estas se não convencerem de que as aventuras militares são sempre o perigo dos desastres políticos. É para evitar a repetição das experiências dolorosas dos últimos tempos que os homens devem orientar os seus esforços.

A CIÊNCIA BRITÂNICA

(Continuação da página 20)

Patrick Manson a quem cabia a grande parte da responsabilidade

da fundação da Escola Médica Tropical, em Londres. Manson estava convencido de que o parasita da malária era transmitido pelo mosquito. Neste caso acertava, embora não tivesse razão noutros pormenores.

Ross voltou para a Índia e iniciou experiências com toda a espécie de mosquitos que podia apanhar. Sabe-se, hoje, que uma espécie particular destes insectos — ligeiramente diferente em várias partes do mundo — transporta a malária. Com pouca sorte, esta espécie não apareceu entre os seus espécimes. Só em 1897 se conseguiu encontrar o mosquito — o Anopheles — e em 1898 completou finalmente uma série de experiências que demonstraram como o parasita da malária penetrava no mosquito quando este sugava o sangue duma pessoa atingida pela doença; como durante 11 dias o parasita sofria nova fase de desenvolvimento dentro do insecto e como depois o mosquito infectava com malária todas as pessoas que picava.

Desde então, o caminho estava aberto. Uma longa batalha estava ainda para se desenrolar mas era uma guerra contra um inimigo já conhecido. Na Malaya, onde os primeiros trabalhos contra a malária, foram realizadas com êxito drenagens de terras e medidas preventivas em grande escala foram levadas a cabo pelos esforços conjugados do Governo e dos cultivadores.

As correntes de água tiveram que ser drenadas debaixo da terra, com grande dificuldade. Mas os resultados excederam todas as expectativas. O número dos casos de malária nestes distritos baixou de 6.185 em 1914 para 6 em 1923.

NÚMERO DA VITÓRIA

O MUNDO GRÁFICO, no seu número especial, comemorativo da Vitória das Nações Unidas, publicará colaboração das figuras mais representativas da literatura inglesa, de jornalistas e de técnicos militares. Entre outros, citaremos os nomes de LOUIS GOLDING, cujas obras revolucionaram o mundo das letras nos Estados Unidos, com os seus romances «Magnolia Street», «Mr. Emmanuel» e «Five Silver Daughters»; A. J. MC. WHINNIE, correspondente naval do «Daily Herald», de Londres; PHYLLIS LEVELL, jornalista inglesa cujas crónicas se têm distinguido na Imprensa londrina; J. G. SMITH, antigo membro do Quartel General da Índia, e instrutor da Escola Superior de Guerra de Camberley, que tomou parte na batalha de Dunquerque; PHYLLIS BENTLEY, autor de numerosos romances muito conhecidos, como «Inheritance», «Sleep in Peace» e «Manhold»; etc.

SABE-ME BEM A COMIDA!



Desapareceu o excesso de acidez

Uma digestão normal, sa e bom apetite, estão ao seu alcance se puzer termo às suas perturbações digestivas com Magnésia Bisurada. Flatulência, ardore e dispepsia, eis os sintomas da hiperacidez. Neutralizando-a, desaparecem as perturbações e o estômago passa a andar bem. Basta uma colherzinha de Magnésia Bisurada em pó ou 2 a 4 comprimidos.

DIGESTÃO ASSEGURADA

com

MAGNÉSIA BISURADA

À venda em todas as farmácias em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.



À noite tudo dorme em si

o coração, o espirito, a vida... Mas a pele do seu rosto permanece acordada trabalhando silenciosamente para a sua incessante perfeição, graças ao CREME NIVEA que continua a exercer sobre ela a sua influencia salvadora enquanto se está entregue às doçuras do sono...

Preço desde 6\$00



ANUNCIAM NO MUNDO GRÁFICO

FABULA

(Continuação da pag. 5)

chegaram aquelas paragens. Eram altos, sadios e fortes. Traziam consigo não só as suas armas poderosas, mas um alegre cântico de esperança humana. E o combate começou, torvo e infernal, para desalojar o adversário das selvas verdes, dos rios pantanosos, de cada rosário doirado das ilhas e de cada cidade branca, que o nome europeu aportado ali, há séculos, engrandecera com o seu esforço, o seu credo e o seu sangue generoso, numa obra admirável de civilização.

Os louros filhos do sol avançavam sempre, ardentes e irresistíveis! Nos mares, os esquais insidiosos eram arpoados e afundados. No céu, os aviões reduzidos a zero pelas garras de aço das águias estreladas, cuja envergadura cobria o espaço imenso, ovantes!

Então, foi o retrocesso! Os tentáculos do monstro foram, sucessivamente, cortados. E, agora, no ventre bronzeo, em cujas entranhas se imolavam as vítimas brancas, o fogo irrompeu, cresceu, alterosamente, envolvendo-o todo em chamas de expiação.

O monstro recolheu-se à caverna abissal, mas os filhos do sol vão a caminho, e chegarão lá.

A. P.

OLACK

(Continuação da página 28)

— E depois?

— *Visitar o local, se dele houver vestígios, onde uma granada alemã reduziu a poeira o coração embalsamado de Chopin e, assim, prestarei homenagem à alma da minha raça. Tudo isso farei tendo na lembrança os meus amigos do Cantinho dos Emigrados, especialmente o Vasco e a Daniela.*

— *Esquecer-me-á assim que saia a barra...*

— *Pelos olhos do polaco passou uma névula de tristezas.*

— *Não devia ter-me dito essas palavras...*

— *Perdê-me — disse ela com brandura — mas eu sou assim, do meu natural, incrível...*

— *Não creio no amor?*

— *Não. Ou melhor: creio nele como sendo um sonho intangível, uma suprema idealidade, o irrealizável...*

— *E, mudando o rumo à conversação:*

— *Tem tido notícias da sua família?*

— *Não. Hoje, em toda a terra, a minha família reduz-se a estes amigos em Portugal.*



O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas, Alívio rápido, após a primeira aplicação.

A venda em todas as farmácias do País — Escudos: 15\$00

O olhar de Daniela como que brilhava, ao ouvir aquela afirmação.

O estrangeiro continuou:

— *Nunca deixei de escrever aos meus, mas do caso ficou-me uma sensação de pavor: o silêncio deles dá-me esta idéia estranha: o mundo pôs-se todo luto; o Universo perdeu a sua grandeza; as estrelas deixaram de brilhar...*

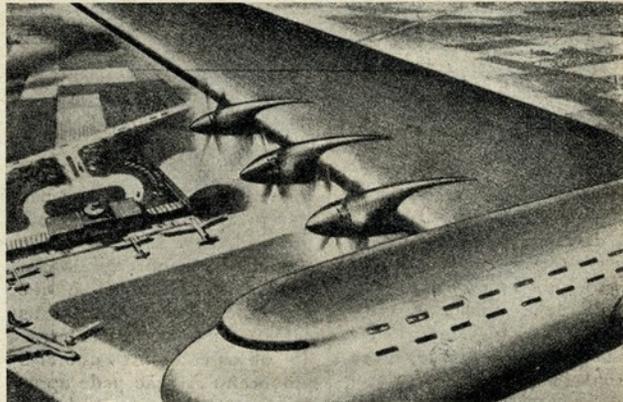
— *Desde que o polaco partiu, Daniela passou a ir todas as tardes ao jardim, sentando-se num dos bancos onde era o «Cantinho dos Emigrados». Cismava em que, lá longe, entre o estrépido da guerra, seria lembrada pelo estrangeiro. Recordava-o, sentindo por ele um sentimento que até ali desconhecera, que era mais que estima sincera, talvez mesmo mais que desinteressada amizade. Um vago anseio que não sabia definir. No seu íntimo interrogava:*

A SOLUÇÃO DE 'FOTO-CRIME'

PAUL declarara a Cobbe: «Estava executando um trecho quando ouvi os gritos de minha prima. Precipitei-me...» Ora, esta afirmação era falsa, pois, conforme Cobbe observou, o arco do violoncelo estava frouxo o que, como é óbvio, impedia a sua utilização. Fosse a história de Paul verdadeira o arco teria sido encontrado tenso. Mais tarde, Cobbe visitou de surpresa os aposentos de Paul e encontrou ali a máquina que, como depois se provou, fora utilizada para escrever o bilhete (fig. 2) achado no quarto da vítima.

Não era difícil concluir, portanto, que Paul tentara estabelecer um alibi completo por meio do velho truque do gramofone. Um pouco antes das sete, colocou a escada em posição, e um disco de violoncelo no gramofone. No momento em que Desires abriu a porta do quarto, pôs em andamento o gramofone, trepou a escada, apunhalou o tio e regressou pelo mesmo caminho enquanto Desires voltava com o leite. Ao ouvir os gritos da prima, travou o gramofone, ocultou o disco sob o tapete e correu ao seu encontro. Houvesse ele atendido no pormenor do arco e o seu crime ficaria talvez impune.

UMA VISÃO DO FUTURO



— *Que será feito do jovem de cabelos e olhos claros, de modos comedidos e de sentir grave e sonhador, à maneira polaca?*

— *Uma tarde, estando assim a meditar, via alçar-se-lhe pela frente um vulto. Era Vasco, que lhe disse:*

— *Aqui, tão pensativa! Em que pensava? se não sou indiscreto...*

— *Os seus olhos brilharam ao rosto como exprimindo uma doce resignação, um como vago bem-estar que não excluía a tristeza.*

— *Vasco fitava-a atentamente, como a querer ler-lhe no pensamento.*

— *Eis uma visão impressionante do mundo de após guerra. Um grande avião de transporte, dos que há de cruzar todos os oceanos do mundo, ligando continentes, com os seus poderosos motores, voo sobre o aerodromo da chegada*

— *Estiveram assim uns momentos. Súbito, os lábios de Daniela entreabriram-se como num suspiro em que veio misturar-se o som musical duma palavra:*

— *Olak...*

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

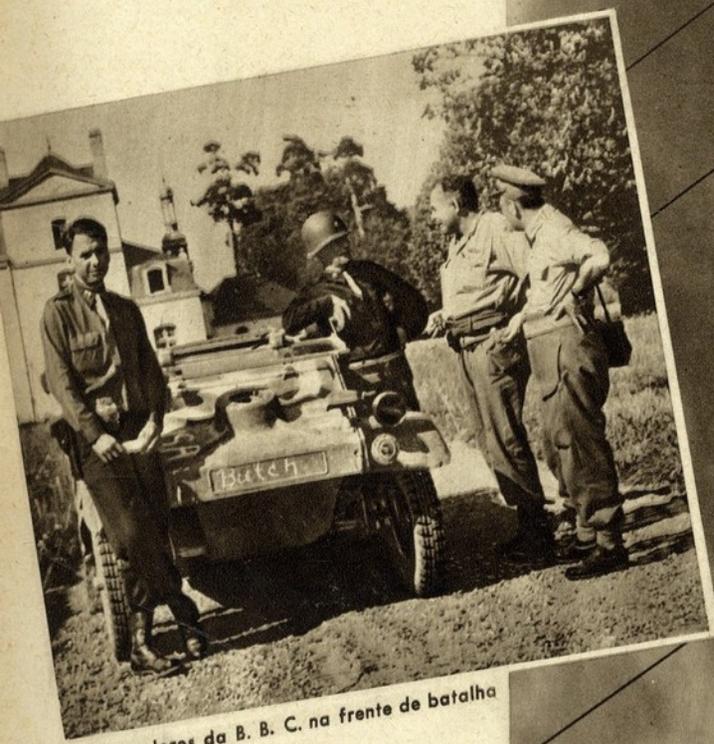
Em venda em todas as farmácias e drogas

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237 LISBOA



A VOZ DE LONDRES FALA E O MUNDO ACREDITA



Comentadores da B. B. C. na frente de batalha



Controle das transmissões
Organizando o noticiário do dia

MUNDO GRÁFICO



As forças inglesas
que têm
combatido
em todos os recantos
do Mundo
no ar, no mar
e em terra
alcançaram a vitória

PREÇO
1\$50